



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

## QUEM É O ÍNDIO PARA VOCÊ?

Iara da Silva Castro Almeida \*

### 1 – Introdução

A discussão deste artigo parte da análise do documentário: Índios no Brasil, a série de dez programas educativos "Índios no Brasil", foi feita para produzir e fazer a renovação do currículo escolar, a série é apresentada pelo líder indígena Ailton Krenak da reserva no Vale do Rio Doce em Minas Gerais divisa com o Espírito Santo, o documentário revela nove povos, onde vivem e o que eles têm a dizer acerca das respostas dos entrevistados.

A primeira parte do programa da série expõe, através de entrevistas com populares em diversas partes do país, o desconhecimento e os estereótipos do senso comum sobre a realidade indígena que está se embasa no processo de discriminação sofrido por estas comunidades. Ao longo do documentário se vê várias falas a respeito da visão das pessoas com relação ao índio, sendo colocado como aquele que anda nú, que o índio está acabando, fadado ao extermínio, o índio está deixando de ser índio. Os nove personagens escolhidos para representarem seus povos vão rebatendo um a um estes equívocos na tentativa de desconstruir uma idéia errônea no que diz respeito aos povos indígenas.

Nesse sentido trabalho alguns aspectos proponentes para desconstruir essa visão equivocada, na busca de pontuar qual a contribuição da escola nesse contexto de preconceito e estereótipos. Sempre procurando mostrar as deficiências do sistema que coloca o ensino indígena como algo "sem tanta importância", identificando os problemas que isso causa em várias gerações.

---

\*Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestranda no curso de Letras: Linguagem e Identidade tendo como orientador Francisco Bento da Silva. Professora substituta no curso de História da Universidade Federal do Acre UFAC. Com aperfeiçoamento em Culturas e História dos povos indígenas pela UFOP. Email: iaracastroalmeida@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Poucos terão, após essa fase, oportunidade de aprofundar e de enriquecer seus conhecimentos sobre os outros seja através de viagens, romances, mostras de filmes internacionais, seja prosseguindo seus estudos. Neste contexto, o livro didático é uma fonte importante, quando não a única, na formação da imagem que temos do Outro. Alie-se a isto o fato do livro didático constituir-se numa autoridade, tanto em sala de aula quanto no universo letrado do aluno. É o livro didático que mostra com textos e imagens como a sociedade chegou a ser o que é, como ela se constituiu e se transformou até chegar nos dias atuais (Telles, 1987:73).

A escola é um ponto de contato, se ela não faz o seu papel com qualidade e eficácia é provável que não se tenha mais contato. Segundo Norma Telles nos ajuda a refletir, quando indica que é na infância e na adolescência que isso acontece, ou seja, é durante o período escolar que se recebe uma gama de conhecimento sobre as mais variadas culturas e povos. Este artigo procura sobretudo, mostrar a relevância que é discutir a temática indígena nas escolas com mais afinco. Sabe-se que já avançamos com as Leis que institucionalizam o ensino, isso já é considerado um avanço, mas é importante se investigar se a escola tem atendido a legislação. Na análise do documentário vai se perceber o quanto ainda se faz necessário avançar para quebrar o preconceito, e desmistificar os estereótipos.

A pesquisa apresenta os dados do censo 1991, 2000 e 2010 para servir de amostragem que o índio não está acabando, muito pelo contrário. Ocorre que o índio hoje não é aquele indivíduo que ficou nas mentes das crianças, desde a pré-escola, quando festejamos o dia do índio, essa idéia tornou uma imagem do índio congelado, causando inclusive estranheza das pessoas ao se deparar com o índio num outro molde. Porém o índio não deixa de ser índio quando sai das tribos e vem para a cidade. Não deixa de ser índio por trabalhar na cidade, antes onde estiver continua a ser índio.

## 2 - O que você sabe sobre o índio brasileiro?

O documentário que será analisado é apenas a parte 1 da série de dez vídeos. Este se inicia com uma pergunta logo nos primeiros minutos, a pergunta é bem simples, mas as respostas dos entrevistados deixam um pouco a desejar,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

expressando e indicando a falta do conhecimento, das pessoas entrevistadas dos diversos estados do Brasil, com relação à temática indígena. Muitas respostas aparecem de forma engasgada, cheias de pausas e silêncio.

Reitero, a pergunta do documentário é aparentemente simples, mas apesar de não ter complexidade no questionamento à repórter não consegue obter respostas consistentes de seus entrevistados, não recebe respostas convincentes ou que pelo menos indiquem questões relevantes a respeito do tema ou que demonstrem um conhecimento ainda que básico da história e cultura dos povos indígenas. A pergunta que é feita no documentário é: O que você sabe sobre o índio brasileiro?

A partir de então será feita uma análise de cada fala, o documentário não dá informações dos nomes dos entrevistados, eles são apenas identificados pelo estado onde residem. Nesse primeiro momento analisaremos as sete primeiras respostas do documentário, vejamos as respostas concedidas. O primeiro entrevistado é um jovem senhor do Ceará, ele é o primeiro entrevistado do documentário veja o que ele diz quando lhe é feita a pergunta: *"rapaz eu não sei responder nada não (balançando a cabeça)"*. A segunda entrevistada é uma Senhora do Pernambuco, ela responde, *"do índio? Nada, nada, nada (diz sorrindo e balançando a cabeça)"*, percebe que a sua resposta também é curta. O terceiro também é um senhor do Ceará, ao qual também (Balança a cabeça) e diz: *"não sei"*. Saindo um pouco da região nordeste, o quarto entrevistado é um rapaz do Amazonas, que responde *"do índio? eu não entendo nada não, de índio"*. O quinto entrevistado é do estado do Pernambuco, que diz *"o índio eu acho que seja uma pessoa que deve existir né, no Brasil"*. O sexto entrevistado é um senhor do Ceará, que responde de forma sucinta *"no norte do Brasil ainda existe, acho que no nordeste"*. E por fim, o sétimo entrevistado é um senhor do Ceará, que responde *"no Goiás né, Amazônia, acredito que no Ceará também tem só que mais vestido"*.

A resposta de todos os entrevistados tem certa semelhança, elas são curtas, são imprecisas, cercadas de gestos como balançar a cabeça provocando um sentido negativo de não saber qual resposta dar, com falas envergonhadas, cheias





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

generalizar, colocando como o “índio”, sendo que a visão deveria ser bem mais profunda e ampla por se tratar de um povo plural, multicultural com muitas especificidades.

O documentário é nada mais do que um alerta e, sobretudo uma crítica ao sistema de ensino brasileiro, que por mais que tenha avançado em leis que obriguem e institucionalize o ensino indígena nas escolas brasileiras, como a Lei nº 11.645/2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e inclui no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, não tem resultados práticos que evidenciem o avanço. Isto é, ainda não se vê os resultados práticos em que a população ao menos tenha conhecimento sobre quem é o índio, o índio continua a ser apresentado e automaticamente absorvido como um conhecimento genérico, criado a partir do senso comum, cheios de repetições, vícios e, sobretudo a falta do conhecimento, que é a pior de todas essas evidências citadas.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Nos últimos vinte anos muito se tem discutido nas esferas públicas a respeito da temática indígena, porém ainda que essas leis apresentem um avanço ou um progresso os povos indígenas permanecem nas mentes como um povo distante de nós.

Bessa Freire nos ajuda a discutir a questão da falta do conhecimento, nos abrindo o caminho e considerando que a escola brasileira sempre tratou os conteúdos indígenas com falta de apreço.

Sucintamente, o índio na escola era uma nota de pé de página carregada de preconceitos. Se fosse uma nota de pé de página, mas correta, já teria ocorrido uma contribuição. Mas não, o índio estava fora do foco da história e, quando aparecia, era de forma preconceituosa. Eu me pergunto até que ponto essa escola não devorou a identidade dos brasileiros, na medida em que ignorou duas grandes matrizes formadoras da sociedade brasileira: a indígena e a africana. (Entrevista Carta Capital – Bessa Freira)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O ensino indígena sempre foi feito de forma secundária, sempre aparece a partir das primeiras narrativas, daquilo que se apresenta nos relatos de viagens dos primeiros viajantes na região Amazônica. Não se leva em consideração a história dos povos aqui já existentes, que tinham uma história, uma representação, um povo que tinham seus próprios costumes, povos diferentes uns dos outros, com línguas e dialetos díspares, povos com uma pluralidade com inúmeras especificidades, com características únicas e cheias de peculiaridades, que podem ser percebidas ao longo de sua história. Mas somente serão percebidas se estudadas de forma mais profunda, tirando o estudo indígena das bases secundárias, que permitem que os discursos nas escolas a respeito dos povos indígenas sejam frágeis e permanecem de forma preconceituosa na nação brasileira. Desta forma Piñón e Funari reafirmam que os povos indígenas sempre ficam em segundo plano.

Apareciam, muitas vezes, como coadjuvantes e não como sujeitos históricos, à sombra da atividade dos colonos europeus. A colonização do continente americano pelos indígenas praticamente não era mencionada e os índios eram descritos por meio da negação de traços culturais considerados significativos, como falta de escrita, de governo e de tecnologia. [...] Por fim, predominava a noção de um índio genérico, ignorando a diversidade cultural que sempre existiu entre essas sociedades (FUNARI; PIÑÓN, 2011, p. 97-98).

É exatamente por conta de o índio ser apresentado como coadjuvante que a grande maioria das pessoas entrevistadas no documentário "Índios no Brasil", não sabe explicar o pouco conhecimento que tem a respeito dos povos indígenas, observe que dos sete entrevistados, quatro deles disseram que não sabem nada a respeito do índio. Enquanto os outros três dizem que o índio ainda deve existir, talvez no norte ou no nordeste, acreditando piamente ter no nordeste só que mais vestido. Mas como assim mais vestido? Veja que a figura do "índio" ainda está demasiadamente associada ao isolamento, à tribo, a andar nu e pintado, na maloca. Caso ele não esteja inserido neste perfil e modelo atribuído a sua figura, ele imediatamente passa a não ser mais índio. Sem dúvidas isso é um equívoco, pois



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

ainda que o indígena, independentemente de etnia ou povo, venha a residir na cidade, estude, faça faculdades, obtenha o título de mestrado ou doutorado, participe de fóruns, mesas redondas, simpósios e seminários, ainda assim ele não deixa de ser índio.

Interessante é que nestas sete respostas que analisamos neste documentário, elas não passam de opiniões, muito achismo, geralmente falando o que já ouviu falar a respeito do tema. Logo se têm nas falas muitos equívocos. Equívocos que permeiam toda uma vida, justamente pelo descaso que a escola se permitiu ser durante décadas. A escola sempre se recorda do índio no dia em que se comemora o dia do índio, quando se enfeitam as crianças com penas e roupas que demonstrem uma cultura geral. Hoje, pode se perceber mais ativamente, quando analisamos no dia do índio as redes sócias, quando expressam esse momento peculiar nas escolas. Como seria, por exemplo, a reação dos professores ou os próprios colegas, se a escola pedisse pra que todos os alunos fossem fantasiados de índio no dia 19 de abril (comemorado no Brasil, pela primeira vez, em 1944) e fosse uma criança sem fantasia, demonstrando esse indígena que estuda, trabalha, mora na cidade. Como seria o comportamento dos que estão envolvidos direta ou indiretamente no ambiente escolar?

Muitas escolas, principalmente as de educação infantil, continuam, ainda hoje, a pintar os rostos das crianças e a confeccionar para elas imitações de cocares indígenas feitos com cartolinas ou com penas de galinha. A grande imprensa e a escola continuam a lembrar esta data. Entretanto, a impressão que se tem é que isto tem colaborado pouco para formar uma visão mais adequada sobre os índios na nossa sociedade. (GRUPIONI, 1995:466)

É certo que os indígenas estão bem perto de nós, nada de estarem em um passado remoto. E quando me refiro "nós" estou me referindo a nós brasileiros, pois há indígenas em todo o território nacional. Bem diferente da fala do o sétimo entrevistado que é um senhor que reside no Ceará, que responde que tem índio "no Goiás né, Amazônia, acredito que no Ceará também tem só que mais vestido".



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Segundo o Censo 1991 (Gráfico 1), a pesquisa foi introduzida no quesito da cor ou raça uma categoria para que o indígena pudesse se classificar. Essa metodologia utilizada ela é a metodologia da auto-identificação ou da auto-declaração.



Gráfico 1: Censo 1991

O Censo demográfico 2000 (Gráfico 2) repetiu a mesma forma de investigação, através do quesito da cor ou raça e essa mesma metodologia da auto-identificação.



Gráfico 2: Censo 2000



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Enquanto o Censo 2010 (Gráfico 3) apresentou outra proposta, bem diferente das últimas duas, que é através da investigação do pertencimento ético que se consiste na etnia ou povo o indígena pertencia, como também a língua falada, portanto foi investigada a língua indígena ou se era falante de português. Outro detalhe importante e inovador, que é bastante relevante, foram apontar aqueles que residiram nas terras indígenas como também os residentes fora das terras.



Gráfico 3: Censo 2010

Com essa nova metodologia do Censo 2010, obteve-se um número de 896.000 (Oitocentos e noventa e seis mil) indígenas que representavam 0.4% percentual da população total. Resultado bem diferente dos percentuais anteriores. Segundo os dados coletados os indígenas ocupam 12,5% do território nacional e 517.000 (quinhentos e dezessete mil) residiam nas terras indígenas. Isso significava 57,7%. Dessa pesquisa a obtenção do indígena propiciou também um novo conhecimento das etnias e das línguas, (no censo 2010 foram declaradas 305 etnias e 274 línguas indígenas). (CENSO, IBGE)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

O IBGE apresenta esses dados fidedignos com percentuais e números que demonstrar a grande riqueza existente no país chamado Brasil. Onde efetivamente é apresentado de forma linear com um número significativo de etnias e de línguas faladas indígenas no território nacional. A pesquisa do Censo 2010 demonstra realmente a riqueza do país chamado Brasil, por trás dos percentuais temos uma imensidade de infinitos conhecimentos, hábitos, saberes, crenças, tradições e valores culturais que permeiam todos esses povos apresentados pelo censo como uma gama extraordinária de línguas e etnias. Contudo isso não é apresentado de forma incisiva para toda a sociedade, para que de fato a sociedade venha se reconhecer enquanto descendente de índio, como indivíduos que são nada mais do que o reflexo e a herança, pelo conjunto da obra, pelo dia-a-dia, pelos costumes que temos até os dias atuais.

A entrevista com Pedro Paulo Funari sobre o livro: **A temática indígena na escola: subsídio para o professor** contribui de forma relevante para essa discussão.

A herança indígena é forte no Brasil, mas nós não a reconhecemos. Ela está presente na culinária, nos utensílios, nos nomes de rios e cidades e nos costumes. Tomar banho, por exemplo, é um hábito indígena. Nossa alimentação está muito baseada em comidas indígenas, como a pamonha. Ou seja, há inúmeras características culturais nossas que têm origem indígena, mas que não são ressaltadas. Por quê? Justamente porque o índio é considerado distante no tempo e no espaço. A visão predominante é a de que ele é antigo e não existe mais; e os que existem estão longe. (Entrevista Editora Contexto)

Sem dúvidas, os vários povos indígenas, as diversas etnias, as mais variadas línguas, são a representação de que há um grande equívoco com o ensino indígena nas escolas na sala de aula. A maioria da população nunca teve contato com uma aldeia indígena, somente se sabe a respeito desses povos a partir da mídia e da escola, o que dá uma responsabilidade muito grande e, sobretudo abre uma grande lacuna no conhecimento, deixando muitas questões importantes de lado.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

### 3 - Conclusão

Concluo este artigo sentido que ainda há muito a se tratar sobre os povos indígenas, quer seja no tratar da sua própria cultura, quer seja a entender e se fazer cumprir a legislação, quer seja no ensinar ao seu respeito. Este documentário é tão interessante e tão rico que é impossível discutir em apenas quinze páginas. Há tanto para se problematizar, há tanto a aprender e a ensinar que me parece que mesmo com essa importância fundamental os indígenas acabam por não ser tão valorizados assim.

Parece-me que é essencial que o professor crie um novo olhar, para isso é fundamental que o docente tenha acesso a curso de aperfeiçoamento como uma educação continuada, para então mudar o olhar do aluno. Para que se restaure a história indígena e automaticamente se venha entender os indígenas de hoje no Brasil. Enquanto o espaço reservado no ambiente escolar para se discutir o ensino indígena for pequeno, não teremos um desenvolvimento. Inclusive sabendo que isso não será um trabalho fácil, ao contrário, será um trabalho árduo que não terá resultados imediatos, porém é necessário dar início. Portanto, o Brasil tem uma lacuna, uma dívida, mas não se trata apenas de identificar as lacunas, mas também rever o livro didático, assim como rever inclusive a formação dos professores da área das ciências humanas.

Como foi mostrado no censo 1991, 2000, 2010, temos no Brasil uma variedade incrível, sem contar na variedade cultural, com variantes dialetais internas. Portanto é preciso trabalhar as especificidades de cada povo. Muitas vezes a sociedade tem diversos comportamentos que foram aderidos dos povos indígenas e nem nos damos conta, portanto é bastante oportuno entender melhor esses aspectos.

Com relação ao preconceito das pessoas com relação à figura do índio, é algo que ainda deve ser superado, pois a gente ainda quer ver o índio nu, com penas, na mata, quando a gente o vê diferente, não identifica naquele indivíduo aquela identidade indígena. Isso se dá justamente pelo senso comum atribuído ao



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

longo da construção histórica. Quando o índio domina os códigos da cidade, ele não deixa a cultura dele de lado, pelo contrário eles acabam dominando essas duas culturas inclusive passam a ter uma preocupação de não deixar se perder os seus costumes, exceto aqueles que têm vergonha de ser indígena e passando a negar-se perante a sociedade. Mas isso é outra discussão, ao qual eu não tenho condições de explanar neste momento.

Não tenho dúvidas, que o ensino indígena deve ser melhorado e aperfeiçoado, é certo que estamos perdendo muito com a falta desta história, seguramente estamos deixando de ganhar conhecimento a respeito de povos que não são piores ou melhores que nós, mas são diferentes de nós, que escolheram permanecer diferente do colonizador. Implantar de fato a Lei nº 11.645 é quebrar o preconceito é, sobretudo, quebrar uma barreira construída ao longo dos quinhentos anos do Brasil. Mostrando que o índio não é a "quintessência do mal" e nem "o inimigo dos valores". (FANON, 2002: 58)

É necessário fazer pontes com outras culturas, pois essas pontes serão as bases que a sociedade deve ter para partilhar de toda essa diversidade. Sendo preciso antes de tudo, antes de ensinar, antes de repassar o conhecimento, é extremamente necessário desconstruir os equívocos, os estereótipos, trabalhados em várias disciplinas de modo a vim atender os objetivos.

### Referências:

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Entrevista: O índio fora do foco da história.** Publicado em 08/10/2010. Por Ricardo Carvalho — publicado 08/10/2010 17h28, última modificação 08/10/2010 17h39 Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/o-indio-fora-do-foco-da-historia>

FUNARI, Pedro Paulo. **Entrevista sobre o livro: A temática indígena na escola: Subsídios para os professores.** Publicado em 03 de agosto de 2011. Disponível



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

em: <http://www.editoracontexto.com.br/blog/entrevista-com-pedro-paulo-funari-sobre-o-livro-a-tematica-indigena-na-escola-subsidios-para-os-professores/>

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Editora UFJF. 2002

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑÓN, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Contexto. 2011.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Organização: Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni. Brasília, MEC/MA-RI/UNESCO, 1995.

Instituto de pesquisa de geografia e estatística - IBGE. **Distribuição total, rural e urbana da população indígena no Brasil**. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2> Acessado em: 19/08/2016

KRENAK, Ailton. **Documentário: Índios no Brasil: Quem são eles? parte 1**. Documentário: Índios no Brasil – Série "Índios no Brasil" 1/10. Organização e produção - SEF SEED e FUNDESCOLA apresentam - Produção e direção TV escola – vídeo de 17:38 Publicado dia 17 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZuFu004o1k>

Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei 11.645 – Ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena**. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso: 19/08/2016

TELLES, Norma - **A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora** - in LOPES DA SILVA, Aracy (org) - **A questão indígena na sala de aula - Subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasiliense, São Paulo, 1987.

SOLÍS, Ruth Shady. **Caral, a cultura mais antiga das Américas**. Revista História Viva. Por Ruth Shady Solís, tradução de Mônica Nehr. Pág. 53. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/edicoes\\_anteriores/](http://www2.uol.com.br/historiaviva/edicoes_anteriores/)